



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12387 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

AS MÚLTIPLAS REFERÊNCIAS DE MASCULINIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR

Arthur Furtado Boga - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Iran de Maria Leitão Nunes - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

AS MÚLTIPLAS REFERÊNCIAS DE MASCULINIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR

Introdução

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as múltiplas referências de masculinidades produzidas e reproduzidas no espaço escolar e como elas interagem entre si e processam marcadores de diferenças nos alunos de uma escola pública estadual de ensino médio da cidade de Bacabeira – MA.

Os dados foram levantados a partir de observação participante, realizada entre julho e dezembro de 2018 e entrevista semiestruturada, realizada em fevereiro de 2019, com alunos que se autodeclararam pertencentes ao gênero masculino de quatro turmas do Ensino Médio, divididas em duas turmas do primeiro ano, uma turma do segundo ano e uma turma do terceiro ano. As turmas foram escolhidas aleatoriamente, obedecendo ao critério de ter, no mínimo, uma turma de cada ano do ensino médio.

Após o período de observação foram realizadas doze entrevistas com doze alunos, tendo como critério de escolha aqueles que mais manifestavam os discursos de gênero identificados durante as observações. Escolhemos três alunos de cada turma das quatro turmas observadas. Posteriormente à produção de informações, realizamos uma análise discursiva

dessas informações com base na teorização *queer*. Buscamos analisar os discursos como estratégias de poder que levam os sujeitos a ocuparem posições a partir dos gêneros produzindo efeitos na maneira como os sujeitos se apresentam.

Tivemos todo o cuidado de adotar os procedimentos éticos para as pesquisas em ciências humanas e sociais, nos processos de produção de informações e nos demais encaminhamentos adotados no desenvolvimento desta pesquisa de acordo com a Resolução nº 501/2016 do CEP/CONEP. Por se tratar de uma pesquisa em que alguns participantes eram menores de idade, na qual os pais e/ou responsáveis pelo menor precisam autorizar a sua participação, adotamos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Desenvolvimento

Entendemos a masculinidade a partir da perspectiva de gênero apoiada nos estudos pós-estruturalistas e na teoria *queer*, como um conceito que está permanentemente em processo de construção e significação, a partir da multiplicidade e dinamicidade da própria sociedade. Desse modo, as masculinidades são construções identitárias de gênero, plurais e se expressam de múltiplas formas, uma vez que o gênero é construído socialmente (SCOTT, 1990), e que a sua inscrição “nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura” (LOURO, 2007, p. 11).

Isso nos faz perceber que em um mesmo espaço social diferentes masculinidades estão sendo produzidas e reproduzidas, porém, a direção tomada pelos processos de construção dessas identidades masculinas terá por base a referência de masculinidade tida como hegemônica naquele meio social. Essa referência está sempre presente e sendo reforçada pelas instituições sociais como a igreja, a família, as instituições jurídicas e médicas, pela escola, pela mídia etc., todavia, ao mesmo tempo, estão transitando junto a referência hegemônica uma pluralidade de outras experiências e expressões de masculinidades significadas pelos próprios sujeitos em suas relações com a realidade social (SEFFNER, 2003).

A masculinidade hegemônica está referenciada não só na relação de subordinação das mulheres em relação aos homens, mas nas relações dos próprios homens entre si a partir da existência de estruturas hierárquicas e de subordinação relacionadas a outras estruturas de poder (CONNELL, 2013). Desta forma, dependendo das relações que estão estabelecidas, existem diferentes configurações de masculinidades e por existir múltiplas configurações,

elas estão em constante disputa pelo poder da hegemonia dentro das relações de gênero, por essa razão nenhuma masculinidade pode ser considerada como uma referência fixa (CONNELL, 2005).

No entanto, quando se mostra que as masculinidades são plurais, está se revelando que mesmo podendo existir uma referência de masculinidade que se coloque como hegemônica, devido aos processos históricos e políticos de formação das sociedades, existem outras referências de masculinidades sendo experienciadas e atuando na construção das identidades de gênero de acordo com o espaço, o tempo, momento da vida e das relações com diferentes grupos (CONNELL, 1995).

O que temos são identidades de gênero materializadas nos corpos, como mostra Rosa (2004, p.7) ao falar que o corpo pode ser visto como “um hipertexto, cenário, mapa, sinalizador, território de protesto e de criação”. É um corpo que fala, é mensageiro, é discurso e que é produzido na pluralidade de culturas e práticas educativas. É a partir dos discursos expressos pelos corpos que os alunos constroem significados para as masculinidades, como podemos perceber nos fragmentos a seguir.

Aqui tem muitas pocs, a maioria incubada, ficam se escondendo, mas por trás ficam com homens. (Fragmento de diário de campo, outubro de 2018).

Eu acredito que há os machões, as pocs que a gente vê bastante, os meninos aqui, os que ainda são escondidos. A gente percebe o comportamento dos machões, das pocs, dos que ainda são escondidos, pois esses são os mais afastados dos outros meninos. (Fragmento de entrevista com aluno Gilvane do 3º ano em 06/02/2019).

Aqui percebemos que o processo de significação das masculinidades é feito a partir da forma como os corpos se apresentam, do *jeito* da pessoa. Assim, a partir dos discursos produzidos e reproduzidos pelos participantes da pesquisa identificamos algumas referências de masculinidades presentes no espaço escolar pesquisado. São elas: garotos machões, garotos pocs, garotos masculinos não machões, garotos incubados, garotos héteros com jeito de gay e garotos bissexuais..

A referência dos garotos machões é a que mais se aproxima das características normativas do gênero. São alunos que se autodeclararam heterossexuais, são praticantes de esportes, principalmente o futebol, apresentam alguns comportamentos agressivos, usam constantemente palavrões, tentam não demonstrar fraqueza, querem ser provedores e cuidar

dos outros por acreditarem que são mais fortes e capazes, demonstram ter uma vida sexual ativa, falam com muita autoridade, como se a sua opinião fosse sempre a mais válida, não admitem qualquer comparação com a homossexualidade e tentam manter completa distância de qualquer comportamento tido como pertencentes a gays ou a mulheres, como revela o discurso a seguir:

Pra mim um homem ser masculino tem que ser sério e tal, de tá de boa, agarrar umas mulher ali, mas tem uns também que diz ser homem e faz merda pra porra, fica com frescura com outro homem. Pra mim um homem que é homem fica é com mulher, não com outro homem, quem faz isso não é homem. (Fragmento de entrevista com aluno Vinícius do 2º ano em 26/02/2019).

Os garotos pocs são aqueles que se autodeclaram gays e possuem um comportamento distante dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade para pessoas que nascem com o órgão genital pênis, dos quais existe uma expectativa social, a partir das normas de gênero, para que possuam determinados comportamentos.

Os pocs ou as pocs representam um rompimento com o binarismo de gênero ao experienciar a sua masculinidade com elementos tidos como pertencentes às feminilidades. Essa forma de experiência representa uma verdadeira desconstrução da polaridade rígida existente entre os gêneros, pois por mais que ocorra uma significação desses alunos a partir de características sexuais – são gays – as formas como eles próprios expressam e significam essas características é que são usadas como referência para construir as suas masculinidades.

Os garotos pocs se autodeclaram pertencentes ao gênero masculino e por essa razão os comportamentos e *jeitos* que eles apresentam são masculinos, pois não existe comportamentos inerentes a nenhuma identidade de gênero, como se fossem efeitos de uma essência natural dos corpos. Tanto os comportamentos tidos como pertencentes ao masculino quanto os tidos como pertencentes ao feminino são construções culturais, sendo assim, se eles se dizem masculinos as suas expressões de gênero são masculinas, independentemente de quais sejam., como mostra o fragmento a seguir:

Ser poc é ter liberdade para fazer o que quiser, pra ser o que quiser, pra usar o que quiser, pra representar o que quiser, então, eu acho que poc levando ao pé da letra quer dizer liberdade. (Fragmento de entrevista com aluno Estênio do 1º ano em 20/02/2019).

Os garotos masculinos não machões são aqueles que possuem comportamentos próximos de uma referência de masculinidade heteronormativa. Se autodeclaram heterossexuais, são praticantes de esportes e gostam de falar sobre, frequentam todos os

espaços da escola, bem como a maioria dos grupos. Demonstram uma grande abertura às diversidades de gênero e sexualidade e são conscientes e seguros de suas próprias identidades.

Esses alunos não se importam tanto se alguém faz algum comentário ou insinuação que coloque o seu gênero ou sua sexualidade em dúvidas, por isso possuem uma relação mais próxima com os garotos pocs, com as meninas e com os outros alunos, como estar e andar junto, de abraçar, beijar no rosto, deitar no colo etc., como mostra o discurso abaixo:

Acho que aqui na escola tem aquele hétero que respeita e não aceita gay, por exemplo e tem aquele que respeita, aceita e é próximo. Tem uma grande diferença por conta que o que não aceita sempre tem aquela coisinha contra né, então o gay sofre mais por isso. (Fragmento de entrevista com aluno Estênio do 1º ano em 20/02/2019).

Os garotos incubados são aqueles que, segundo os outros alunos, são gays ou bissexuais, mas não são assumidos, fingem ser héteros e tentam manter seus comportamentos dentro dos padrões normativos de gênero.

Os garotos héteros com jeito de gay são aqueles que se autodeclaram heterossexuais, mas possuem comportamentos tidos como pertencentes as feminilidades e aos olhos dos outros alunos tem sua sexualidade hétero questionada a partir do comportamento que expressam.

Os garotos bissexuais são aqueles que autodeclaram sentir desejos por meninos e por meninas ou que são indicados pelos outros alunos como “bi” a partir do comportamento que expressam, muitas vezes próximos aos padrões normativos, mas que em determinados momentos apresentam comportamentos tidos como pertencentes ao feminino.

Tem boatos de meninos que já ficaram aqui, mas eu nunca vi nada. Os meninos que são gays aqui na escola não ficam entre si, são só amigos, mas dizem que eles já ficaram com uns meninos aí incubados. (Fragmento de diário de campo, setembro de 2018).

Por eu me afastar, não gostar das mesmas coisas que os meninos e não andar muito com eles, acaba que gerando comentários sobre mim, já ouvi muitos, tipo, os meninos mesmo consideram que eu sou o gay da sala, mas pra mim gay é a pessoa que tem uma relação com outro homem e eu não tenho vontade de fazer. (Fragmento de entrevista com aluno Gilvane do 3º ano em 06/02/2019).

Eu diria que eu sou bi, por mais que esteja namorando com uma menina, porque eu não sinto atração só por mulheres, alguns meninos despertam alguma coisa em mim, mas eu tento ao máximo esconder isso e tentar focar mais no outro lado. (Fragmento de entrevista com aluno Moisés do 2º ano em 14/02/2019).

Além dessas referências de masculinidades que identificamos até aqui, existem outras que estão sendo expressas no espaço escolar pesquisado, contudo essas foram as que mais apareceram nos discursos dos alunos participantes da pesquisa. Cabe ressaltar que não estamos falando de tipos puros de masculinidades, como se elas representassem a totalidade das identidades masculinas dos alunos que as possuem. Essas masculinidades não se encerram em si, bem como não acontecem isoladas ou de uma forma fixa, ou seja, as expressões de masculinidades dos garotos machões aparecem em alguns momentos nos garotos pocs, tal como o contrário também acontece.

Considerações Finais

Podemos afirmar que no espaço escolar pesquisado, as masculinidades são entendidas de forma diferente por cada aluno. Os olhares mudam de aluno para aluno e as expressões de gênero materializam formas distintas de ser masculino. Existem múltiplas referências de masculinidades e cada aluno significa a sua própria masculinidade de uma forma, algumas se aproximam dos padrões normativos, outras estão completamente distantes e outras às vezes se aproximam e às vezes se distanciam desses padrões.

Entre os alunos, as masculinidades são significadas a partir da forma como cada corpo se apresenta, ou seja, a partir dos discursos expressos pelo jeito de andar, falar, sentar, sorrir, pelas roupas que veste etc. Ainda existe na forma de pensar dos alunos uma relação essencialista entre gênero e sexualidade.

São essas significações construídas com base em determinados comportamentos expressos pelos alunos, que os posicionam no espaço escolar como pocs, machões, incubados, bissexuais, não machões e héteros com jeito de gay. Esse posicionamento de corpos a partir de suas expressões de gênero demarca o poder dos discursos que buscam naturalizar o gênero.

Concernente a toda essa discussão, a partir de uma análise baseada no pensamento pós-estruturalista e de seus desdobramentos na teoria queer que nos permitiram investigar o interior da escola, suas redes de poder, os significados, representações e as marcas configuradas para as masculinidades, fica evidente que existem múltiplas referências de masculinidades atuando no espaço escolar e configurando as identidades dos alunos a partir de uma constante interação dessas referências.

Referências

- CONNEL, R. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista estudos feministas**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 18 de novembro de 2018.
- CONNEL, R. W. **Masculinities**. Australia: Allen J Unwin/ Britain: Polity Press/ United States: University of California Press, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2007.
- ROSA, Graciema. O corpo feito cenário. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 17-30.
- SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Tese (doutorado em educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2003.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.